

O ALTO DO BOI D'ÁGUA





Fotos: Alan Madridis





BUMBA MEU BOI D'ÁGUA (desde 2000)
ASSOCIAÇÃO BUMBA MEU BOI D'ÁGUA (desde 2003)
PONTO DE CULTURA BUMBA MEU BOI D'ÁGUA (desde 2005)

A BÊNÇÃO:

A bênção, Santo Antônio ...

A bênção, Dona Sebastiana, nossa Tiana dos Anjos,
cuja promessa deu origem ao nosso lugar e nos permite,
hoje, fazer nosso trabalho com esperança e fé ...

A bênção, Seu Dominginhos, Basílio Caixeiro, Dona
Vilu e tantos outros que estão lá em cima olhando por nós ...

Dedicamos nosso trabalho à Vó Regina, ao Seu
Claudiano, à Dona Maria, ao Seu Pedro Samambaia,
pioneiros e lutadores como os tantos outros que
ajudaram, e ajudam, a tecer a trama da nossa vida e
da nossa história.

A bênção, nosso querido Olho d'Água ...

Que Deus nos ajude a mantê-lo cristalino, límpido e vivo
em nossas vidas.



Foto Silvio Bragato



O Auto do Boi D'Água PERSONAGENS



Foto: Alan Madrilis



Índio



O Boi d'Água



Benzedeira



Capitão



Lavadeiras



Catirina



Lavadeiras



Mateus



Contra mestre Bateria



Arauto do boi



Integrante bateria



Porta estandarte



Integrante bateria



Cacique



Integrante bateria

APRESENTAÇÃO: (texto do início de 2005)



O BOI D'ÁGUA surgiu no Distrito de Olhos d'Água, no ano de 2000, materializando a vontade da comunidade de poder expressar sua cultura, sua tradição, sua alegria, seus sentimentos enfim. Munido, então, de cores, sons, gestos e um grande exercício de improviso, o BOI atraiu, e continua atraindo, jovens e adultos, velhos e crianças, independentemente de credo, cor, traço cultural ou bagagem intelectual. O BOI vem ganhando corpo, afirmando sua identidade e rompendo os limites físicos de sua comunidade original: as apresentações nas Feiras do Troca de Olhos d'Água, as aparições nos dias de carnaval, as participações em eventos de Alexânia e sua participação, como grupo convidado, em importantes Encontros Regionais de Cultura, como as quatro edições do ENCONTRO DOS POVOS DA CHAPADA DOS VEADEIROS - GO; II ENCONTRO DE CULTURAS TRADICIONAIS DA CHAPADA DOS VEADEIROS - São Jorge-GO; II e III ENCONTROS E FEIRA DOS POVOS DO CERRADO - Goiânia-GO; V Semana de Cultura de Corumbá de Goiás e II Encontro AFRO-GOIANO - Cidade de Goiás/2005 e em outros tantos eventos no Estado de Goiás, fizeram com que o BOI caísse no gosto popular, como manifestação cultural de grande atrativo cênico e sonoro.

Nosso BOI, nascido em uma comunidade carente, é uma entidade sem fins lucrativos que tem por objetivos iniciais a divulgação e o fortalecimento das manifestações culturais regionais, bem como o lazer educativo e cultural.

Assim, o BOI D'ÁGUA apresenta suas cordiais saudações e pede passagem.



Fotos: Fabio Resck





ÁGUA, elemento gerador, condutor, veiculador, que circula, que nutre, que mantém vivo o coração da terra.

A "terra" é Olhos d'Água, vilarejo cravado no cerrado do interior goiano, cuja origem está intimamente ligada a uma mina d'água ali existente, local de parada e descanso dos antigos tropeiros goianos. A mesma água que deu origem à "terra" gerou seu espírito, trançado em fibras e em algodão, moldado em barro, benzido pelos ramos de arruda, cantado nas ladainhas e nas folias de reis, coberto pelos retalhos multicoloridos que refletem as luzes e as cores da alvorada e do entardecer no cerrado goiano.

Isso é o Bumba meu BOI D'ÁGUA.

Através de um exercício de improviso, cujo palco é a praça, o espaço aberto, qualquer clareira que se abra na multidão, o BOI D'ÁGUA brinca e canta a história de seu berço cristalino. Canta os artesãos e as lavadeiras, as benzedeiras, os foliões e catireiros, os padres e as rezadeiras, os vaqueiros e os donos de terras, índios, negros e brancos, elementos essenciais desse "interiorzão goiano" que o BOI faz desfilar diante do público, com alegria singela e contagiante, como gotas de orvalho, como contas de um colorido colar ou de um reluzente rosário.

O BOI brinca e canta a beleza das coisas simples, a essência e a sabedoria do cerrado - seu nascedouro. Alegria e encanta.

Bumba, Bumba meu BOI D'ÁGUA. (Emerval Crespi)

Foto: Alan Madrills





Ôi d'água, que é como se diz no bom "goianês" desse cerrado do centro do País. Nascente que foi pouso e repouso dos antigos tropeiros, descanso e bebedouro das boiadas que por aqui passaram. Um entre os muitos que salpicaram, por baixo, a terra que se faria, por doação religiosa, "do santo", que é, também, como se diz lá por aquelas bandas.

A promessa, conta a história – lenda, nasceu da esperança de Dona Sebastiana - mãe de Dominginhos, Antônio, Anita, Tereza e Estela -, ex-escrava que, Deus sabe bem por quê, não queria para seus filhos a agonia dos grillhões, das chibatadas, das senzalas. A notícia, o boato – mal ouvidos, mal entendidos ou mal interpretados – não se concretizaram. E a bem-querença que unia ex-escrava e ex-senhor fez com que Geminiano doasse a Santo Antônio, santo de devoção de Sebastiana, uma parte de suas terras, ao lado da mina – pouso – bebedouro, para que ali se erguesse a capela, expressão material da presença de Deus nesse interiorzão goiano. Assim se fez: 13 de julho de 1941 é o dia da primeira missa. E surge, então, da promessa, da fé, sobre lombos de burro e carros de boi; paira sobre todas as diferenças de cor, sobre todas as desigualdades sociais, o embrião de Santo Antônio dos Olhos d'Água.

E a vida vai se compondo, como a teia urdida por laboriosa aranha: o lugarejo cresce, instalam-se "comércios", constróem-se os ares de vilarejo.

Adobe sobre adobe, erguem-se as casinholas cobertas com telhas de coxa. E lá vão elas, salpicando o campo por entre buritis, aroeiras, algodoeiros, bananeiras, goiabeiras, mangueiras. Tem muito mais: tem pequi, ingá, arruda, capim santo, vassourinha, carrapicho, quebra-pedra, pata-de-vaca, quina, jatobá, gueroba, erva-doce, cidreira, mamão, tanchagem, taioba. Nesta terra ninguém há de passar fome, deve ter pensado Deus quando se deu conta de que aqueles seus filhos, com Sua ajuda, tinham se aninhado ali.

Aquela terra ainda daria muito grão: milho, feijão, soja. Daria mandioca, cana, tomate, verdura.

Não, ninguém seria miserável. Fariam sua coberta com as próprias mãos, aprenderiam a domar o algodão: plantariam, colheriam, descaroçariam, cardariam, fiariam, urdiriam e, por fim, teceriam os panos.





E os trilheiros e as picadas foram se desenhando, ligando aqui e acolá. Nos caminhos as cabaças e os cuités se tornaram úteis para armazenar e apanhar água. O barro argiloso serviu para fazer as vasilhas, as bilhas, os potes, as panelas.

E assim se fez: a terra-mãe abrigou as mães humanas, feitas à sua imagem e semelhança, férteis, vigorosas, mantenedoras do moto contínuo que é a vida, ainda que parecessem frágeis, vulneráveis, devassáveis.

A história se construiu sobre esses pilares: a terra, a água, a mulher, o homem, o que, juntos, eles produzem.

Elas mantiveram a unidade de suas famílias tecendo a roupa do algodão, lavando a roupa na mina d'água, fazendo e conservando as vasilhas de barro, reaproveitando os trapos tecidos em tapetes, tecendo a palha para cobrir de chapéu seus companheiros, para guardar coisas em cestarias. Eles abriram os caminhos, ergueram e cobriram moradias, cuidaram da terra, plantaram e colheram, criaram e campearam animais.

Os tempos de isolamento bucólico, no entanto, minguiaram. Era Brasília nascendo. E o vilarejo, que se emancipou do município de Corumbá de Goiás e abrigou a sede municipal, viu-se, na calada da noite, deixado de lado, para trás, trocado. Nascia Alexânia.

Mas o povo do vilarejo lá permaneceu. Mais triste, magoado, ensimesmado, olhando a vida passar pela moldura da janela virada para a estrada. Mas, íntegro. Conservou consigo seus "saberes" e seus "fazeres".

Lá se enraizaram as lavadeiras, as benzedadeiras, as fiandeiras, as urdideiras, as tecedeiras, as ceramistas, as doceiras, as cozinheiras, os vaqueiros, os catireiros, os violeiros, os carpinteiros e marceneiros, os trabalhadores rurais – os "orêia-seca", no bom goianês.

Reuniam-se, ainda, nas festas de São Sebastião, de Santo Antônio, do Divino Espírito Santo. Entoavam ladainhas, festejavam-se nos pousos de folia. Tudo muito simples, singelo. Como devem ser as coisas ligadas à terra, também simples e singela.

Chegaram os "estrangeiros" e diante de tudo aquilo, de toda aquela beleza entristecida, acharam que poderiam fazer alguma coisa, contribuir para que o contentamento rebrotasse, como brota a água nas nascentes.

Era a Feira do Troca. Trocou-se abóbora, ovo caipira, chapéu de





palha de bananeira e de buriti, tapete, boneca de pano, cesta, panela de barro por roupa usada, em bom estado. Mas o tempo não pára, já disse algum poeta mais contemporâneo nosso. E também isso quase se perdeu.

Os panos de tear perderam a vez para os "náilons" e "tactéis" da vida. Os calçados duráveis teriam que responder ao modismo. Quando se imaginaria que era preciso então que aparecessem os saltos altos para as mulheres? - É que já tinha um pedacinho de calçamento ou asfalto. E já tinha televisão.

A "moçada" agora se espelhava, não mais no pai, na mãe ou nos parentes um pouco distantes. Tinha aquela mocinha da novela das seis, o galã da novela das sete. Agora se via o mundo por uma outra janela. E através dessa janela, seja lá de que tamanho fosse, a cores ou preto e branco, com som ou sem, o mesmo mundo novo entraria pela janela de qualquer um que pudesse tê-la.

E o modelo dos rapagões curtidos pelo sol, de mãos calejadas pelo cabo de enxada e exímios cavaleiros, foi substituído pelo modelo da janela - telinha. Também o modelo das mocinhas brejeiras, vestidas em chita e cheirando a flor de laranjeira, foi substituído.

Difícil o confronto entre o "que se é" e o "que se quer ser".

O silêncio revestido pelo cantar dos pássaros e dos galos, pelo latido dos cães, pelo pio da coruja, pelo canto da seriema e da saracura, dos quero-queros, a algazarra dos periquitos e das maritacas, os amanheceres ao som dos sabiás e dos pássaros-pretos, tudo foi, ao longo do tempo, sendo substituído pelo ronco, cada vez mais ronco, dos carros e das motos. As modas de viola, as canções sertanejas deram lugar aos "tchans", às "eguinhas pocotós", aos "rappers" e "funkeiros" de cultura e gosto, no mínimo, duvidosos.

O cheiro do café torrando e do pequi cozinhando nos fogões à lenha também já não é o mesmo.

Já não é o mesmo o gosto do doce de goiaba ou de mamão, nem do requeijão. Os pilões já quase se tornaram obsoletos. Os fogões à lenha, quase todos enregelados pela falta de uso.

É a era do CD, do DVD. É o progresso.

Mas a cultura resiste. Enquanto lembrarmos dos teares de repasso, das pamonhas, das tranças de fibras naturais, dos bancos moldados no enxó, das bonecas de pano... Enquanto ainda soubermos quem foi Dona Sebastiana, nossa Tiana dos Anjos. (Emerval Crespi)





Rufem os tambores
Desabrochem os amores
Que outro tempo vem surgindo
Acabaram-se os temores
E as flores vão se abrindo.
Doravante ninguém chora
Pois o cura foi embora.
Que saia, então, o Boi d'Água
Com música e cantoria
Espantando toda a mágoa
Semeando alegria
Entre o Povo d'Olho d'Água.
(Homenagem do Jornal MATA-BURRO,
edição de setembro de 2005)



Foto: Alan Madrilis



CHEGANÇA



“... na ronda gaúcha, na toada do Mato Grosso, no aboio do Ceará, na moda paulistana, no desafio do Piauí, no coco norte-rio-grandense, na chula do Rio Branco, no maxixe carioca e até numa dança dramática do rio Madeira – lugar de Mato e rio, lugar que não tem gado – persiste a mesma obsessão nacional pelo boi, persiste o rito do gado, fazendo do boi o bicho nacional por excelência ...” (Mário de Andrade)

Em junho de 2000, motivados pela necessidade de avivar a memória e a alegria no distrito de Olhos d'Água, tomamos a iniciativa de criar um boi: o Boi de “Ôi d'Água”, o BOI D'ÁGUA. A história do nosso boi é a própria história de Olhos d'Água: Capitão Geminiano, grande proprietário de terras é, também, o dono do boi. Aí vem o vaqueiro Mateus/Alex que rouba o boi para comemorar o nascimento de sua filha, Alexânia, tirando do povo, além do boi, parte de sua alegria. E para ressuscitar, e alegrar de novo, esse boi é preciso que a comunidade, munida de sua tradição, se junte para cantar, dançar e fazer alguma coisa para levantar o “bicho”.

Resgatando a prática da transmissão oral de conhecimentos e experiências, vão se revezando, nessa ciranda de “reavivamento” do boi, ritmos e personagens que povoam a história de Olhos d'Água: o lundum, que o saudoso Zé Véio dançava e que a Fatinha e Seu Pedro Samambaia ensinaram ao grupo; a dança do tapuío, que seu Claudiano ensinou para o Geraldo que, por sua vez, ensinou para nossos “tapuíos”.

Vêm a chegança, o catira e a ladainha, que valorizam os tão importantes e tão presentes catireiros, benzedeiros, rezadeiras e lavadeiras dessa terra; além de “Maria Jatobá”, personagem criado por Helena Oliveira, que traz consigo a essência, a força, a beleza e a sabedoria dos elementos do cerrado.

Sendo semente recém plantada no coração de Olhos d'Água, o BOI D'ÁGUA foi presenteado pelo inesquecível Pedro Samambaia, que criou a “Chegança” para o cortejo e pelos músicos Paulo Tovar e Renato Matos com a canção “Semente”, para que as pessoas e, principalmente, as crianças (sementes) a usem para ressuscitar o boi.

E assim se desenvolve a ação, o ritual, a brincadeira do boi: a cada grupo que chega o boi responde com





um mugido, uma mexida, uma sacudidela do rabo mas, no entanto, acaba "mortinho" como antes.

Ele, o BOI D'ÁGUA, só se levanta e brinca quando todos à sua volta, independentemente de credo ou cor, se juntam e, de mãos dadas, cantam e dançam juntos. A alegria que retorna é fruto da união de todos.

É com esse espírito que nosso BOI convida violeiro, catireiro, dançarino e cantador, costureira e lavadeira, padeiro e pedreiro, velho, moço e criança, morador e visitante, amigo e curioso para que, juntos e de mãos dadas, brinquem e contribuam para colorir e alegrar a alma de nosso lugar.

O AUTO DO BOI D'ÁGUA, por Álvaro Faleiros

CORTEJO

O Boi d'Água

Arauto do Boi

Capitão Geminiano, o dono do Boi

Mateus, o vaqueiro

Catirina, a mãe da futura Alexânia

Zé Véio, o espírito curador

Cacique Tapuío

Tapuíos

Maria Jatobá, o espírito do cerrado

Seu "Tiadoro", o violeiro do catira

Catireiros / Violeiros

Andrezina, a Benzedeira

Padre

Lavadeiras / Rezadeiras

Bateria / Coro



Foto: Alan Madrills



ABERTURA



Coro:
Boi, olha o boi
Boi, olha o boi
Que corre, que corre
Que dança, que canta
Que pega, que ginga, que brinca,
O boi.



Arauto:

Bom dia, minha gente.
Viemos apresentar a incrível história de nosso Boi Bumbá
É história alegre e triste, história de encantar.

É história de Olhos d'Água
Que por outra foi roubada
Mas que nem por causa disso
Deixa de ser muito amada

Ela é um lindo distrito
Onde hoje nós vivemos
Lá a gente se diverte
E também não é pra menos
Temos Feira do Troca
E o Boi que tanto queremos



Mas vou deixar de conversa
E vou contar sem demora
Como nasceu a cidade
Onde a gente mora
E vou parar de enrolar
E começo agora:

No século passado, pelas bandas de Corumbá,
Onde voava a passarada, existia um lugar.
Fazenda de muito alqueire, da vista não alcançar.

Era um vale do cerrado, cercado de campinas.
Terra boa de pasto, de manga e tangerina,
Nela tudo sempre dava graças à água da mina.





Nessa terra de buritis, de pau d'arco e aroeira,
Terra de jabuticaba, de banana e goiabeira,
Foi lá que aconteceu esse "causo" de primeira.

Foi nesse interior goiano, onde tudo passa sem pressa,
Que, por agradecimento a Deus, alguém fez uma promessa.
Promessa abençoada que rendeu frutos à beça.

Assim foi feita a promessa:
Se eu receber a bênção, vou construir uma capela.
E, lá, pra Santo Antônio, acenderei uma vela
Sempre que houver santo dia, sempre que se casar donzela.

Quando receberam a bênção, cumpriram o prometido.
Falaram com Juvenal Parente sobre todo o ocorrido.
Juvenal, fazendeiro bom, doou terras comovido.

Outro fazendeiro rico, o famoso Geminiano,
Também deu terras, ao santo, desse cerradão goiano,
Já que nessa região ele reinava soberano.

O passo seguinte foi erguer para Santo Antônio
Mais uma casa santa, pra proteger do demônio,
Pra batizar cristãos e abençoar matrimônio.

Ao lado de uma mina, plantaram a primeira cruz.
Foi um dia de festa, de paz, de amor e de luz.
Estavam todos reunidos, agradecendo a Jesus.

"Ôi d'Água" se chamou esse recanto abençoado,
Fruto de uma promessa de coração esperançado.
Ali nasceu nosso boi, "BOI D'ÁGUA" foi batizado.





Coro:

Esse boi que aqui chegou, veio das águas do mar,
Dançando pelo oceano, descendo pela campina
Prá chegar em Olho d'Água e beber água da mina.
É boi, é boi, prá beber água da mina.

E vai o boi, é vai o boi, é vai o boi, prá beber água da mina.

(Mateus chega com Catirina e mata o Boi)

Coro:

O meu boi morreu, que será de mim?
Manda buscar outro, maninha, lá no Curralim.

Mateus:

Que beleza, Catirina
O BOI D'ÁGUA eu matei
Para matar a vontade
De você que eu sempre amei
Pois grávida com desejos
Eu sempre agradei.



Catirina:

É isso mesmo, Mateus
Fez bem em matar esse bicho
Hoje eu quero festejar
Vai ser o maior bochicho
Vamos comer esse Boi
E por os ossos no lixo.

Mateus:

Então vou deixar de papo
E vou acabar com isso
Vou começar agorinha
A repartir esse bicho
Antes que apareça alguém
E crie o maior enguiço

Foto: Alan Madrills



O primeiro pedacinho é o rabo, Catirina.
Pra quem tu vai dar o rabo? Diga logo, ó menina.





Catirina:
O rabo... hã... eu vou dá para aquele... lá da esquina.

Mateus:
Que dar o rabo, Catirina?
Para de papo furado
Vamos passar pra outro pedaço
Deixe esse rabo de lado
Vai que o rapaz se anima
Aí eu fico enfezado



Bom, agora eu continuo
Cortando esse cupim
Para quem vou dar o pedaço?
Ah, eu já sei sim
Vou dar para aquele moleque
Vai ser melhor assim



Cheguei na melhor parte
Agora é o filé
Um pedaço de primeira
Me diga se alguém não quer
Mas esse é de Catirina
Minha querida mulher

E pra ninguém duvidar
E não ter disse me disse
Eu não posso esquecer
De dar pra alguém o famoso chifre
Quem será que tá podendo
Receber esse cacife?



Catirina:
Mateus, deixe de conversa
Que Alexânia se rói de vontade como eu
De comer logo esse boi
Você matou ele pra isso
E não diga que não foi





Mateus:
Olha, minha Catirina
Vou fazer sua vontade
Acabar com a conversa
E cortar ele de verdade

Capitão:
Ora, ora, ora, ora
O que está acontecendo?
Que o meu BOIZINHO D'ÁGUA
Não está mais se mexendo?
Me digam vocês aí
Que eu não estou entendendo.

Coro:
Mataram o boi!

Capitão:
Não acredito no que estou ouvindo
Não pode ser de verdade
Quem teria a ousadia
A pachorra, a coragem
De matar nosso BOI D'ÁGUA?
Deve ser de sacanagem.

(Olha para Mateus)

Capitão:
Mateus, me explique melhor
O que você faz aqui
Não me diga que passava
Por acaso a colher pegui
E que aí viu o BOI D'ÁGUA
Deitadinho assim assim

Fala, homem, e explica
Por que esse pau na mão?
Deixa de conversa fiada
E me dê a explicação
Pois nosso lindo BOI D'ÁGUA
Não vai morrer assim não



Foto: Alan Madrêlis





Mateus:
E... é... é... seu Capitão
Um pouco duro de explicar
O senhor sabe como é
Quando muiê se põe a falar
Só fazendo a sua vontade
E que a bicha vai parar
Ai fica o nhem-nhem-nhem
O tempo todo no ouvido

Capitão:
Eu sei, eu sei, eu sei
Disso nem eu mesmo duvido

Mateus:
Foi assim que aconteceu
Todo esse ocorrido

Catirina:
O gente, deixa de besteira
O BOI D'AGUA já morreu
Não adianta nada, Capitão
O senhor não percebeu?
O melhor é comer o bicho
E pegue um quarto que é seu

Capitão:
Mateus, segura a sua mulher
Que tá falando besteira
Onde é que já se viu
Pronunciar tamanha asneira?
Acabar com o BOI D'AGUA
Meu boizinho de primeira

Não tô agüentando mais
Esse papo que empaca
Eu ter de ficar aqui
Escutando tanta caca
Catirina, a sua filha
Vai ter é cara de vaca!



Foto: Alan Madrils





Mateus:
Calma lá, Capitão
É minha filha que tá aí
Mude logo o seu tom
Pense em se redimir
Pois não gostei de escutar
O que agora ouvi



Capitão:
Até tu, senhor Mateus
Vem dar uma de bonzão?
Mas o melhor pra você
É acha a solução
Um jeito de erguer o Boi
Pois se não eu não sei não

Aliás, seu sem-vergonha
Eu tô bravo de um tanto
Que hoje ocê levanta o Boi
Nem que te baixe um santo

(Tambores. Mateus entra em transe)

Foto: Alan Madrills



Capitão:
Meu Deus, é o Zé Veio!
Eu só tava brincando!

ZÉ VÉIO (Álvaro Faleiros e Fernando Lourenço)

Coro:
Vamos chamar Zé Veio
Para ver o que é que foi
Vamos chamar Zé Veio
Para levantar o Boi
Levanta o Boi, levanta o Boi, levanta o Boi

(O Boi se levanta, dá umas sacudidelas e volta a cair)





Catirina:
Eu sabia, eu sabia
Que não ia adiantar
Isso é conversa fiada
É um puro blá-blá-blá
Eu quero é comer o Boi
Ele não vai levantar

Capitão:
Catirina, Catirina
É melhor ficar na sua
Pois senão a carne assada
Hoje aqui vai ser a sua
E mando você e Mateus
É já pro olho da rua

Mateus:
Mas, meu Deus do céu
O que foi que aconteceu?

Catirina:
Foi o preto véio que veio
Lá de cima e aqui baixou
Veio dançar o lundu
Mas o Boi não levantou

Capitão:
Mateus, ô seu Mateus
Arrume assim, outro jeito
Pois ver esse Boi no chão
Me dá uma dor no peito
Fazer o que você fez
Ninguém tem esse direito

Há de haver um outro jeito
E eu bem sei que tem
Vai, Mateus, ver na platéia
Se pode haver alguém
Que dê um beijo nesse Boi
Que a ele faça bem



Foto: Alan Madrilitis



Foto: Alan Madrilitis





Mateus:
 E lá vem uma menina
 Toda linda e sorridente!
 Abaixa e dá um beijo
 Em nosso Boizinho carente!
 O bicho levanta e dança
 O danado tá contente!

Mateus:
 Mas logo vem a desgraça
 E o BOI D'ÁGUA tá no chão
 O jeito aqui deve ser
 Chamá um homem, Capitão
 Que sopra o chifre do Boi
 Pra levantar o bichão

Capitão:
 Aí vem um rapaz forte
 Acho que ele dá um jeito
 Venha cá, meu companheiro
 E vá já enchendo o peito
 Quem sabe com o seu sopro
 O Boizim fica direito

PUM! É o barulho que fez
 E o cheiro ruim já sobe
 É catinga de verdade
 Esse cheiro não é nobre
 Agora é o povo que cai
 E o BOI D'ÁGUA segue pobre

Mateus:
 Tive uma outra idéia
 Vamos chamar o Cacique
 Para dançar o Tapuio
 Todo aquele seu pique
 Com o som da indiarada
 Deitado não tem quem fique



Foto: Alan Madrills



Foto: Alan Madrills





Cacique Tapuio:

Sim, Mateus, eu já cheguei
Junto com a indiarada
Vou levantar esse Boi
Com minha dança encantada
O Tapuio nós dançamos
Cantando nossa toada

Mateus:

Já tô vendo, Capitão
O nosso Boizim de pé
O importante, Deus do Céu
É manter a nossa fé
O Boizim tá levantando
Veja só, minha mulher

Capitão:

Não fique tão alegre
Ô meu caro Mateus
Pelo jeito não adianta
Pedir tanta ajuda a Deus
O Boi subiu, mas caiu
De novo isso aconteceu

Catirina:

Mateus, me ajude Mateus
A bolsa, a bolsa, atenção
Não, Mateus, não é Alexânia
Eu falo é do matulão
Se eu não vou comer o Boi
Me vê um pedaço de pão

Mateus:

Fica quieta, Catirina
Que eu já tô todo enrolado
Cê não vê que o dono do Boi
Tá nos olhando de lado?
Tenho de achar um jeito
De erguer esse Boi danado



Foto: Alan Madrillis



Fotos: Fabio Resck





Agora eu já pensei
Pra acabar co'a urucubaca
E ressuscitar de vez
Esse filho de uma vaca
Chamarei a Benzedeira
E o bicho desempaca

Fotos: Luiz Cavalcanti



Andrezina Benzedeira:
Eu escutei o meu nome
Quem é que aqui me chamou?
Foi você, seu Mateus?
Me diga o que se passou
Por que o BOIZINHO D'ÁGUA
Desse modo se arriou?

Fotos: Luiz Cavalcanti

Mateus:
Ô ô dona Andrezina
Eu como um bom mateiro
Acho que o nosso Boizinho
Está é com um cobreiro
Eu tenho quase certeza
De longe eu já sinto o cheiro



Andrezina Benzedeira: (por Silvana Schirmer)
Ipê, embaúba, algodão
Copaíba, paratudo
Eu vivo no meio do verde
A natureza sustenta e cura
A mim e a todos desse lugar...

Capitão:
Cobreiro, mas que cobreiro?
Isso é conversa fiada
O Mateus pegou o Boi
E deu-lhe uma paulada
Esse encanto de cobreiro
Não vai poder fazer nada





Andrezina Benzedeira:
Se o caso é paulada
Eu tenho outra bênção:

(por Silvana Schirmer)

Palha de milho pra enfeitar,
Um tissume no tear,
Um pano pra aconchegar
Fogo pra consagrar
Água boa de purificar
Pão de queijo pra sustentar
É riqueza de apreciar.

Um riso pra espalhar
Uma tristeza pra chorar
Terra de gente boa
Que tudo sabe partilhar
Tenho os pés no chão
E a cabeça no céu
Peço a Deus pra abençoar
Ele sempre me abençoa
Nosso Boi vai levantar.

Padre:
Sai daqui, benzedeira
Eu sou o padre da cidade
Me diga, seu Capitão
Quero saber a verdade
Por que o nosso BOI D'ÁGUA
Perdeu toda a sua vontade?

Capitão:
Saiba a verdade, seu Padre
Mateus matou o nosso Boi
Pra festejar Alexânia
O nosso Boizim se foi
É a vontade que eu tenho
É dar-lhe uma no ôi!



Foto: Luiz Cavalcanti



Foto: Alan Macielis





Padre:

Fique calmo, Capitão
Quem tá com Deus tudo tem
Reze comigo, meu povo
Que a salvação logo vem
Reze meu povo, repitam
Comigo digam AMÉM!

Mateus:

Veja só, Capitão
O Boi já tá levantando
O Padre tinha razão
O povo junto rezando
Vai ressuscitar o Boi
Isso eu já tô vislumbrando

Capitão:

É melhor olhar direito
Pra estar certo do que viu
Se o BOI D'ÁGUA agorinha
Rapidinho ele subiu
Num instante bambeou
E o Bozinho já caiu

Padre:

Se acalme, Capitão
Vou acabar com a brincadeira
Para levantar o Boi
Vou deixar é de besteira
Chamo com toda a sua fé
As benditas rezadeiras

Rezadeiras:

Seu Padre, o senhor chamou
E nós estamos aqui
Viemos com toda a presteza
Ao BOI D'ÁGUA sim servir
Vamos rezar direitinho
Para o Boi se redimir



LADAINHA (Emerval Crespi)



Coro de Rezadeiras:
Meu glorioso Santo Antônio
meu glorioso Santo Antônio
"Alevanta" o Boi tristonho

Dê uma ajuda meu santinho
dê uma ajuda meu santinho
Pra "arribá" nosso boizinho

Meu divino Espírito Santo,
Meu divino Espírito Santo
Leva a morte pra outro canto

Mateus:
Pelo jeito dessa vez
O Boi levantou de fato
Té que enfim co'a fé de Deus
Vejo esse feliz retrato
Pego ele pelo chifre
Levo pro curral no ato

Capitão:
Vamos logo, vamos logo
Levar ele pro curral
Mas, meu Deus, infelizmente
O Boi não está normal
Ele já caiu de novo
O golpe foi sim fatal

Mateus:
Se acalme, Capitão
Não corra atrás de mim
Logo, logo esta história
Vai chegar de vez ao fim
Porque agora eu pensei
E não é idéia ruim

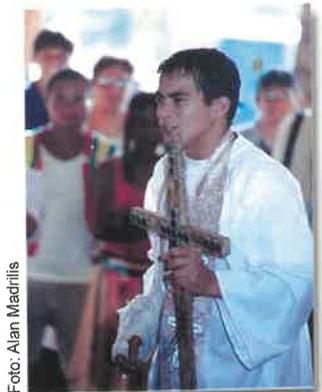


Foto: Alan Madrills





Mateus:
Chamarei os Catireiros
Os feras da região
Dançando em volta do Boi
Vão levantar o bichão
O sapateado e as palmas
São a melhor solução

Catireiros:
Nós chegemo já da roça
Pra dançar nosso Catira
Co'a viola e o pandeiro
O Boi do chão já nós tira
A cantiga e a toada
Nosso povo admira

CATIRA (Geraldo Gomes dos Santos e Adão da Costa Freire)

Coro:
Meu "Boizinho d'Água"
Tá parado, não quer dançar
Oi, chega a "taca" nele
Que ele dança e é pra já

Todos:
Viva, viva o BOI D'ÁGUA
Levantou com a toada
Essa gente do Catira
É gente abençoada
Eles cantam é o BOI D'ÁGUA
Se agita dando chifrada

Capitão:
Deus do Céu! Não acredito
O BOI D'ÁGUA arriou
Não sei mais o que fazer
Mateus a todos chamou
Só em Maria Jatobá
Foi que ele não pensou





Maria Jatobá: (por Helena Oliveira)
Eu moro no mato.
No mato tem bicho.
Eu, bicho do mato.
História de mato
Eu sei contar.
O meu nome é Maria Jatobá!

Eu vim pra falar
Das coisas da terra, da água e do ar.
E hoje, nesta cidade,
O Boi d'Água eu vim ressuscitar.

Peço ajuda aos meus amigos,
Elementos da natureza:
Cobra coral, com suas cores,
Calyandra, flor do cerrado,
Com a força de sua presença,
Me ajudem a levantar o Boi!

Pé de pequi, ipê amarelo, ipê roxo,
Buriti, jacarandá!
Esse Boi d'Água vamos levantar!
Onça pintada, lobo guará,
Tatu, tamanduá!
Esse Boi d'Água vamos levantar!

Toda a força do cerrado, preservado,
Levante o Boi!

Mateus:
Até Maria Jatobá
Com seu lindo encantamento
Levantou o nosso Boi
Que em seguida, eu lamento
Arriou e já não mexe
Morreu mesmo o lazarento





Capitão:
Lazarento é você
Sai daqui que eu já tô tenso
Me deixe sozinho agora
Vê assim melhor eu penso
Já tive uma idéia incrível
Em chamarei o Bom Senso!

Bom Senso:
Capitão, pense comigo
Em todo acontecimento
Cada um co'a sua força
Fez no Boi um remexido
Mas depois o Boi caía
De novo desfalecido

Só há uma solução
Pro Boi de vez levantar
É todo mundo unido
Decidir juntos cantar
A canção que o Renato Matos
Compôs junto com o Tovar

(Forma-se uma grande roda e todos cantam)

SEMENTE: (Renato Matos e Paulo Tovar)
Toda semente contém uma floresta.
Em cada homem, a sua humanidade
Em cada micro, seu macro
Seu mico, seu macaco
E essa idéia de ser dono da verdade
Todo olho d'água tem
Sua alma pura, sua aura pura, a água pura

(O Boi ressuscita e começa a batucada)





VACA LOUCA: (O Grupo)
Deixa o boi pastar na praça!
Larga de ser sem graça
Toda loucura é pouca
Solte a vaca louca!
Viva a vaca, viva a vaca
Viva a vaca louca!

(Agradecimentos e o Boi se retira)

PARTIDA: (Walter Cedro)
Dá licença, seu moço
Tá na hora de partir
Vou levando saudade
Da alegria que senti
Tô levando o BOI D'ÁGUA
Mas um dia eu volto aqui.

MANHÃZINHA: (Emerval Crespi) para o BOIZIM D'ÁGUA

Galo cantou
Manhãzinha vem chegando
Lá vai o boi menino
Cantando, girando, brincando
O sol raiou
Manhãzinha vem chegando
Lá vai o boi menino
Pulando, girando, brincando
É boi, é boi, é boi
Olha o menino
Brincando de boi





Capitão



Mateus



Catirina



Padre



Índios



Lavadeiras

"Ficha Técnica"

Direção Musical: Fernando Lourenço de Jesus

Direção de Bateria: Ozimar Belo de Moraes

Direção Artística: Emerval Crespi

Figurinos, Maquiagem e Adereços o Grupo

Roteiro, textos e letras das canções: Álvaro Faleiros e o Grupo

Direção Geral: Emerval Crespi

Equipe de Produção: Fernando Lourenço de Jesus, Emerval Crespi,
Ivan Gonsaves de Souza, Ozimar Belo de Moraes.

Diretoria da Associação BUMBA MEU BOI D'ÁGUA

- Presidente: Fernando Lourenço de Jesus
- Vice Presidente: Mariana Nonato da Silva
- Diretor Social: Ivan Gonsaves de Souza
- Secretário: Ozimar Belo de Moraes
- 2º Secretário: Waltemir Cedro dos Santos
- Tesoureiro: Emerval Crespi
- 2ª Tesoureira: Diná Coelho de Araújo





PONTO DE CULTURA

Ponto de Cultura Boi D'água
Rua José Fernandes 85 Olhos D'água
Alexânia - GO CEP 72920-000
Fone: (62) 3322-6270
E-mail: boidagua@gmail.com
www.sitecurupira.com.br/boidagua.htm

